

"O provocador - escreveu Erenburgo - é o parteiro da História". Está vis-  
to que pelo seu próprio caráter ele muitas vezes pôde não facilitar o nasci-  
mento; antes pelo contrário.

Antigamente os homens tinham mais medo do para-raios que do raio. Em toda  
parte, até nos Estados Unidos, até na França. O raio era uma desgraça milenar,  
mas rara, uma desgraça que de vez em quando caía do céu na cabeça de um. Uma  
desgraça até meio divina: uma chicotada de fogo de um Deus justiceiro. Mas apa-  
receu um espírito de porco chamado Franklin e espetou uma haste de metal em um  
telhado. Aquilo era um desafio a Deus, uma impiedade, um horrível pecado que  
~~traria~~ traria punição horrenda. Em um lugarzinho chamado St. Omer, perto de  
Arras, havia um advogado chamado de Vissery que tinha mania de progresso. Es-  
tamos em 1770 e tantos, e Benjamin Franklin estava na França como embaixador  
de uma República recém-nascida e periclitante chamada Estados Unidos da Améri-  
ca do Norte. O advogado do interior que era muito novidadeiro quiz ser dos pri-  
meiros a possuir o invento de Franklin. Instalou um para-raios no alto da cha-  
miné de sua casa. Esse advogado tinha uma vizinha, que era uma viuva, e tinha  
uma questão antiga com essa vizinha por causa de um muro. Essa viuva procurou  
os outros vizinhos e explicou que o para-raios era um negócio que iria atrair  
raios sobre toda a região. Todos assinaram um documento, o Conselho Municipal  
ficou horrorizado, deu ordem ao advogado de Vissery de retirar o aparelho in-  
fernal e daí surgiu uma tal encrenca que acabou o advogado contratando os ser-  
viços de um seu colega para defende-lo no Tribunal da Província. O advogado do  
advogado escreveu uma longa-longa enorme sobre o Progresso e a Superstição e  
acabou ganhando a causa. Até em Paris se soube da história. E o sr. Ralph  
Kerngolg anota esta frase publicada no "Mercure de France" e que afinal era  
um elogio para o advogado do interior: "A argumentação honra sobremaneira o  
senhor de Robespierre, que acaba de sair da adolescência".

Uma característica o provocador é ser anti-científico. Há uma nuvem  
carregadíssima sobre nossas cabeças. Todo mundo comenta. O provocador pega um  
aeroplano vai lá e bombardeia a nuvem. Pôde chover; pôde cair uma tromba d'água,  
pôde ser que a nuvem desove toda sua eletricidade em milhares de raios. O pro-  
vocador cumpriu o seu papel histórico. Ele é quem mexe com o bicho. Há um bi-  
cho. Será manso, será bravo? Ninguém sabe. O provocador então mexe com o bicho



mato e vou trazer ela até a cidade. E como está com o dinheiro do Governo na  
mão, faz mesmo.

Isto é o que está fazendo em S. Paulo o sr. Borghi. Pôde tudo redundar numa  
(CONT. 2 - BRAGA) - e todo mundo fica sabendo o que é que há. O provocador bem  
na ~~palhaçada~~ palhaçada a mais, neste país de tantas. Pôde ter consequências as  
intencionado pôde ajudar o nascimento de um mundo novo; aquele Benjamin Fran-  
mais desagradáveis. Pôde precipitar ou atrasar as coisas, e pôde deixa-las no  
klin, o advogado de Visserly e o sr. Robespierre eram desses. A viuva também era  
mesmo. Mas muitos daqueles que clamam contra o sr. Borghi são como aqueles ho-

mens que tinham mais medo do para-raios que do raio. Toda sua filosofia tem sido  
O provocador também pode ser, muitas vezes, o Amigo da Onça da sociedade.

sempre: "é melhor não mexer nessas coisas". As coisas acabam se mexendo. Se nin-  
mas no meio de tudo isso há um isto desagradável: o provocador é o homem que expli-  
quem instala um para-raios acaba aparecendo um falso instalador de para-raios,  
ra, por um motivo ou outro (quase sempre por um motivo muito mesquinho de in-  
teresse pessoal) o problema que está crescendo e que todo mundo quer fingir  
que não existe.

numa espantosa exibição de fogos de artifício. E tudo vai muito bem quando  
há séculos se faz, no Brasil, do trabalhador rural. Até hoje ninguém no-  
a casa não pega fogo.

tem com esse bicho de rato; mesmo os comunistas, que se metem em tudo, mal lhe  
conseguiram fazer uma leve cocozinha. O bicho de rato só se punha em movi-

mento por causa de outros bichos de rato, como Antonio Conselheiro ou ~~maxima~~

RC  
a Santa de Coquelros: um movimento de dentro para mais dentro, para o fundo de

seu próprio mundo. Agora aparece um homem esperto e insensato, um filho de imi-

grantes corajoso e negociasta e diz: meus senhores, eu vou cotucar o bicho de

mato e vou trazer ela até a cidade. E como está com o dinheiro do Governo na

mão, faz mesmo.

Isto é o que está fazendo em S. Paulo o sr. Borghi. Pôde tudo redundar numa

na ~~palhaçada~~ palhaçada a mais, neste país de tantas. Pôde ter consequências as

mais desagradáveis. Pôde precipitar ou atrasar as coisas, e pôde deixa-las no

mesmo. Mas muitos daqueles que clamam contra o sr. Borghi são como aqueles ho-

mens que tinham mais medo do para-raios que do raio. Toda sua filosofia tem sido

sempre: "é melhor não mexer nessas coisas". As coisas acabam se mexendo. Se nin-

guem instala um para-raios acaba aparecendo um falso instalador de para-raios,

como aquele do conto de Mark Twain, que atrai para a casa, diante da popu-

lação estupefacta, todos os raios de todas as nuvens de vinte leguas em volta,

numa espantosa exibição de fogos de artifício. E tudo vai muito bem quando

a casa não pega fogo...